

1

Introdução

A proposta fundamental deste trabalho se atém aos limites característicos de um percurso inicial. O estudo sobre uma concepção psicanalítica de afeto será apresentando através da circunscrição dos problemas mais gerais suscitados pelo desenvolvimento da noção durante o trajeto freudiano, e de suas apropriações por alguns autores pós-freudianos que se dedicaram ao tema. Assim, elegemos como referência teórica principal as formulações de André Green pertinentes à questão, instaurando o ponto de partida que resitua a apreensão das implicações metapsicológicas subjacentes à problemática abordada.

O afeto freudiano pode ser definido como uma quantidade que se experimenta como qualidade (BARROS:1999) ou, segundo Garcia (2002), o afeto expressa em Freud a quantidade pensada como qualidade. De acordo com Vieira (2001), o uso de uma metáfora energética para a descrição de um aparelho psíquico que é, em última instância, outra metáfora, não deve forçosamente opor duas ordens heterogêneas fundamentais: representação e energia pulsional. Da mesma forma, a oposição entre quantidade e qualidade deve ser recusada. Para nós, a construção da definição de afeto como representante da pulsão pode ser lida como consequência da escolha de um ponto de vista econômico como ponto de partida para uma construção teórica. Acreditamos que parte da imprecisão da noção deve ser atribuída à esta contingência. Desta forma, grande parte de sua problemática comporta questões relativas ao uso da hipótese econômica como linha de análise privilegiada na formulação e articulação dos conceitos que sustentam a noção.

O exame da postulação ou da negação de afetos inconscientes, e suas consequências quanto ao estatuto teórico do afeto são fundamentais. A psicanálise, centrada na primazia do inconsciente, tem suas bases na afirmação de sua legitimidade, traduzida na postulação de processos psíquicos inconscientes, de um sistema inconsciente e de pensamentos inconscientes. No entanto, a concepção freudiana de afetos inconscientes é, senão negada, confusa e bastante

complexa. Isso permite leituras antagônicas por parte de seus seguidores. Afirmativamente, a segunda teoria da angústia irá assinalar uma inversão em sua conceitualização metapsicológica que, de certa forma, possibilita várias interrogações sobre as conseqüências desta nova formulação teórica sobre o campo do afeto. Possibilitando, em diferenciadas interpretações, reconsiderações sobre os pontos de vista econômico, tópico e dinâmico da metapsicologia.

Há ainda uma dificuldade peculiar: apesar de aparecer em inúmeros textos freudianos, não há uma localização particular para o afeto no conjunto de trabalhos de Freud, que não lhe dedicou nenhuma obra específica. Conforme Green (1973), as mudanças teóricas firmadas por Freud levam, por vezes, a uma modificação do estatuto do afeto. Por outras, uma diferença de apreciação do valor funcional do afeto é a base para explicar uma mudança em conceitos fundamentais da teoria psicanalítica. Com isso, uma apreensão diferente da noção e de sua problemática orientará uma modificação do quadro teórico no qual ele será situado, caracterizando as várias concepções de afeto formuladas pelos autores pós-freudianos.

Tais questões encontram-se diretamente relacionadas à prática clínica freudiana original, onde as neuroses clássicas inauguraram o campo do modelo teórico, e o surgimento posterior de novos aspectos clínicos. É preciso também ressaltar que o afeto, emergindo na clínica, está estreitamente ligado às condições da experiência da transferência em análise (GREEN:1973).

De acordo com Vieira, o afeto, considerado como análogo ou emissário da energia psíquica, se encontra no lugar de um axioma causal essencial capaz de explicar muitas coisas sem se colocar em causa. Isso em parte explica a raridade de textos que se dedicam a examinar a problemática do afeto, como também a abundância de textos que o consideram um fenômeno explicativo (VIEIRA:1996). Se na maioria das vezes a noção de afeto postula uma teoria quantitativa dos investimentos, em outras ela é utilizada apenas em seu valor descritivo (LAPLANCHE & PONTALIS:1958) sem que haja, no entanto, uma definição do termo à qual podemos nos referir sem contestações. O afeto, compreendido como um termo metapsicológico, ainda constitui uma interrogação.

Com relação à terminologia e à semântica, a problemática da concepção psicanalítica do afeto possui uma analogia com a problemática da concepção filosófica do afeto. Conforme Green (1973), de acordo com o vocabulário

filosófico de Lalande ¹, à categoria do afeto opõe-se a da representação, assim como a sensibilidade se opõe ao intelecto. Os afetos, portanto, pertencem à esfera da sensibilidade, onde os estados de prazer ou de dor constituem, de algum modo, suas matrizes psíquicas. Também aqui há controvérsias em torno da memória afetiva. E a gênese do afeto é uma combinação de um efeito externo com um movimento interno, numa solidariedade entre os afetos violentos e a organização corporal. Para Green, tais questões podem nos indicar um pouco sobre as categorias de pensamento que determinaram o horizonte conceitual de Freud. Ainda que Green aponte o alcance revolucionário da teoria freudiana, pela subversão relativa de tais categorias, afirma o autor que a obra freudiana permanece dentro da metafísica ocidental. Para Vieira, ao contrário, a experiência freudiana modifica radicalmente o binômio corpo- alma, tanto em sua concepção, quanto nas relações que supõe (VIEIRA:2001).

Em nosso trabalho, vários são os motivos que nos remetem à Espinosa e à sua teoria das afecções da natureza humana. Mas, ainda que consideremos fundamental a articulação da psicanálise com outros campos teóricos, nosso recorte se restringe ao campo psicanalítico. Assim, apenas destacaremos que, para esse autor, as relações entre a alma e o corpo são de correspondência ou de expressão, não havendo hierarquização das essências nem relação de causalidade. Alma e corpo exprimem no seu modo próprio o mesmo evento. O movimento interno do corpo e o nexos interno das idéias na alma constituem a essência do homem – o *conatus*, que é o esforço para perseverar na existência, poder para vencer os obstáculos exteriores a ela, e para expandir-se e realizar-se plenamente. Na ação, o *conatus* incorpora o exterior graças ao seu próprio poder, enquanto que, na paixão, ele se torna incapaz disso. Dessa forma, a ação será uma causa adequada, e a paixão, uma causa inadequada. A partir disso, Espinosa definirá a essência humana pelo desejo, que é a tendência interna do *conatus* a fazer algo que conserve ou aumente a sua força. A paixão também procura bens capazes de conservar o *conatus*, e a primeira forma de liberdade não consistirá em livrar-se das paixões, mas deixar-se vencer apenas pelas paixões positivas. Não é

¹ É preciso ressaltar, no entanto, que o vocabulário filosófico de Lalande não comporta o termo *affect*, mas apenas *affecter*, *affectif*, *affection*, *affectivité*, sendo esses os termos a que fazemos referência aqui. O termo *affect* é especificamente psicanalítico em francês, e sua importação para a língua francesa deveu-se à Freud (GREEN:1973).

uma ação que vence uma paixão, mas uma paixão mais forte que vence outra mais fraca (CHAUI:1973) ².

Segundo Imbasciati (1991), o afeto ressalta exatamente aquilo que a psicanálise considerou o ponto de partida da vida psíquica e do desenvolvimento mental. Em Freud, tal desenvolvimento é feito a partir de impulsos internos – as pulsões – logo, de um “endos” inato, de derivação biológica. Aproximar afeto e representação é, assim, uma tentativa de estabelecer uma ligação entre a posição empírica e a posição inatista, “entre a experiência e tudo o que foi considerado endógeno, procurando principalmente na primeira a origem que foi atribuída ao segundo” (IMBASCIATI:1991). Logo, é necessária uma revisão não somente da oposição entre a representação e o afeto, mas de toda a teoria freudiana, por sua tendência em compreender o desenvolvimento humano prioritariamente na economia dos seus “instintos” em detrimento de suas relações com o mundo ³.

O *Discurso Vivo* é a obra por nós escolhida como referência principal de nosso trabalho. Nela, o propósito de Green é duplo: uma crítica à trajetória lacaniana que, segundo ele, está fundada “numa exclusão, num esquecimento do afeto” (GREEN:1973), propósito este que o autor denomina de conjuntural, e a proposição de uma teoria psicanalítica do afeto, onde o autor nos apresenta o seu modelo teórico hipotético, denominado de *processo*. Com ele, o autor pretende fornecer as indicações estruturais relativas às diversas categorias de afeto, onde o afeto deve ser compreendido essencialmente como um termo metapsicológico.

O trabalho de Vieira possui a intenção de reconsiderar o lugar do afeto na psicanálise. Mas especificamente, respondendo à crítica de que Lacan descarta o afeto em sua teoria. Neste contexto, o objetivo de Vieira não deixa de ser um reflexo: refutar a tese greeniana, que aponta o esquecimento do afeto na teoria lacaniana. Vieira utiliza como método a interrogação do estatuto do modelo cartesiano em suas diversas apreensões pela psicanálise, para mostrar que Lacan segue os passos da elaboração freudiana do afeto, na consideração de uma

² É no exame da problemática do desejo, das paixões e da liberdade, que Espinosa fundamenta a sua ética, que é separada da moral, e que se constitui numa referência para a ética lacaniana.

³ Imbasciati inicia a revisão dessa problemática em seu livro *Il Protomentale*, nos anos 1978-81, e a elabora imediatamente após em *Sviluppo Psicosessuale* e *Sviluppo Cognitivo*, em 1980-83, delineando uma teoria particular do desenvolvimento mental, denominada de “Teoria do Protomentale”. E que, segundo o autor, é indubitavelmente possível de ser inserida na área psicanalítica, em particular, na Kleiniana. Tal teoria, no entanto, possui muitos pontos de contato com outras disciplinas psicológicas. Imbasciati privilegia um aspecto particular, centrado no valor

evolução histórica nos dois autores, onde a teoria da angústia representa o pivô (COTTET:2001). Para este autor, é necessário evitar toda concepção globalizante do afeto, e promover uma clínica diferencial dos afetos.

Não se trata, nos limites deste trabalho, de apresentar os argumentos de Green em sua crítica a Lacan, nem as refutações aos quais esses são submetidos por Vieira. Para isso deveríamos examinar profundamente a teoria desenvolvida por Lacan, o que resultaria num outro trabalho. Portanto, tampouco faremos referência ao desenvolvimento teórico de Vieira sobre o afeto. Nosso propósito é outro, e bem restrito. Trata-se tão somente de delinear as principais fronteiras entre as diversas concepções de afeto na psicanálise, na tentativa de identificar quais são os seus contrapontos ⁴ possíveis.

Assim, primeiramente faremos um exame, a partir de uma leitura greeniana, dos textos freudianos que remetem à construção da noção, com a finalidade de estabelecer as bases onde serão firmados os elementos que sustentam os objetivos do nosso trabalho. Para tanto, foram utilizados no segundo capítulo os seguintes pares conceituais como eixos de análise: afeto e representação, qualidade e quantidade, afeto e inconsciente. O terceiro capítulo é dedicado ao exame da produção pós-freudiana referente ao tema, onde procuraremos identificar as contribuições e os impasses dos trabalhos apresentados, acrescentando, às categorias de análise já utilizadas no capítulo precedente, indicações sobre o conceito de angústia, alçado por grande parte dos autores pós-freudianos como o paradigma do afeto. Em seguida, a partir de uma retrospectiva breve da primeira e da segunda teoria da angústia em Freud, assinalaremos, no quarto capítulo, a especificidade da implicação do conceito de angústia na reformulação da concepção do afeto, como a chave para clarear os impasses e as contribuições alcançadas durante todo este processo.

Queremos ressaltar, por fim, que a prática clínica e a pesquisa psicanalítica se entrelaçam na delimitação de seu objeto teórico, circunscrevendo

representacional dos objetos internos descritos pela psicanálise, o que, para ele, é a base para uma psicanálise dos processos cognitivos.

⁴ O contraponto é a arte de combinar entre si as linhas melódicas. Surgido aparentemente no séc IX, era apenas uma segunda voz que seguia a melodia gregoriana em paralelo, por um intervalo de quarta. No século XI, ele se torna mais complexo, a segunda voz perde a característica de paralelismo, se movimentando livremente, não mais ‘nota contra nota’ (BEAUSSANT:1997). É este último sentido do conceito musical que utilizamos aqui como uma metáfora.

uma metodologia específica. Porém este trabalho, por suas pretensões, se limita à exposição e à análise da produção teórica condizente com os seus objetivos.